

Forte São João precisa de segurança

Reportagem de Nilo De Mingo e Rita Tristão
Fotos de Nestor Muller

Reclamação é que não falta entre os moradores do Forte São João, bairro de Vitória localizado próximo ao centro da cidade, cuja população se concentra nos três

morros que ficam à direita da avenida Vitória. A comunidade enfrenta três problemas básicos: falta de segurança, recolhimento precário do lixo e das poucas escadarias que servem de acesso ao alto do morro. Todas as reivindicações da população foram anotadas pelos representantes da

Prefeitura de Vitória, que estiveram no local junto com as equipes de reportagem Gazeta nos Bairros. Segundo eles, esta semana será feito um levantamento topográfico da região, as suas necessidades e, depois de relacionadas as prioridades, se efetuará o atendimento ao bairro.

Moradores querem número bem maior de escadarias

“Não é fácil morar no morro. Muito pelo contrário, para nós é muito difícil”. Esta é a expressão que foi utilizada ontem por um dos moradores do Forte São João, um bairro de Vitória que, apesar de estender até a avenida Beira-Mar, têm a maior parte da população concentrada basicamente no morro. Entre todos os problemas citados pelos moradores o das escadarias é o principal. As escadas só chegam até determinado ponto, daí em diante o pessoal tem que se arranjar para chegar em casa.

Atualmente existem três escadarias servindo de acesso ao morro do Forte São João, o que, na opinião dos moradores, não chega a ser o suficiente. Depois de se percorrer grande parte do local, pode-se ver claramente que os acessos construídos pela Prefeitura são mesmo insatisfatórios. Valdir Fonseca, morador do Forte de São João há 42 anos, conta que no antigo caminho para um morro só foi construída a rampa na parte mais alta.

Tanto para descer quanto subir, os moradores têm que se segurar onde podem, e nem sempre encontram onde se agarrar e acabam caindo.

“Recentemente uma senhora grávida de seis meses caiu num desses locais e, além de quebrar a perna, perdeu a criança”, comentou Valdir Fonseca, mostrando o lugar da queda, próximo à venda do Orlando. O bairro carece de todo tipo de infra-estrutura, principalmente por se tratar de um morro. Além das escadarias, a população reclama contra a falta de proteção das encostas. As pedras estão pondo em risco a vida de alguns moradores pois ameaçam cair a qualquer instante. “A gente aqui fica sem dormir quando chove”, afirmou Nair Silveira.

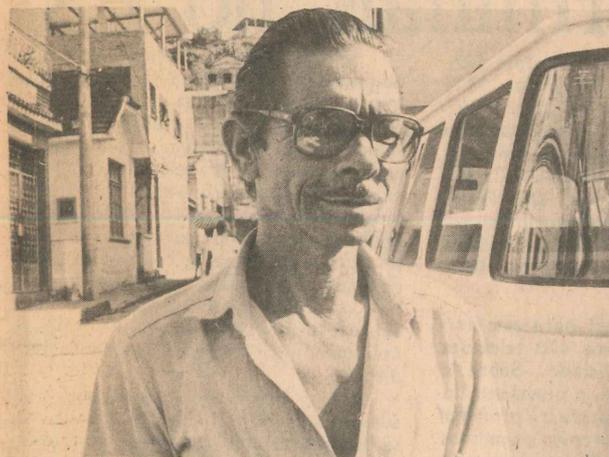
Os problemas ligados à falta de infra-estrutura são muitos. Próximo a casa de Tereza Batista Mello existe um poste de luz da Escelsa que está caindo. A moradora disse que já fez reclamações junto ao órgão por

três vezes e até agora não foi tomada qualquer providência. “Toda vez que chove, a água vai levando mais terra e, no lugar em que está o poste, o buraco vai ficando cada vez maior”, declarou a mulher, alertando que, se ele cair, vai atingir cerca de três famílias que moram nas proximidades.

Na casa de Alzira Maria Cândido, de 82 anos de idade, existe uma enorme árvore entre duas grandes pedras. Ela está com medo de que ela possa tombar em cima de sua família.

O secretário de Serviços Urbanos, Ornóbio Camata foi ao local e informou à mulher da impossibilidade de cortar a árvore. “Esta árvore está segurando as pedras através das suas raízes — disse — posso mandar podá-la”. A sugestão foi aceita pela dona do barraco.

Não existe projetos de infra-estrutura para o morro do Forte de São João, conforme definiu o secretário de Obras, Umberto Vello.



Henrique disse que já há área para o módulo

Comunidade critica a falta de policiamento

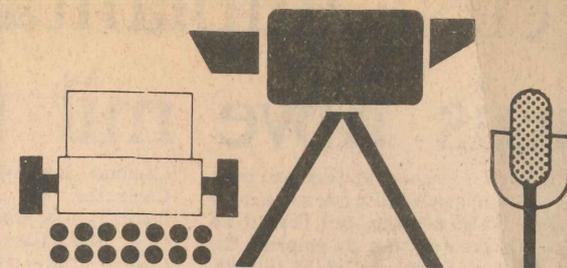
Um dos principais problemas enfrentados pela comunidade do morro do forte de São João, em Vitória, é a falta de policiamento e a inexistência de segurança para os moradores. O argumento principal de quem reside no local é de que ali não moram ladrões ou assaltantes e que os delitos praticados são feitos por pessoas de fora. A reivindicação principal da comunidade é a construção de um módulo policial no morro.

Segundo Jorge Henrique Firmino, membro da diretoria do Centro Comunitário do Forte de São João, existe, até mesmo, uma área disponível para construção do módulo policial. “Basta apenas que as autoridades ou a Polícia Militar construa pois é uma das coisas que os moradores daqui do morro mais necessitam, pois ninguém aguenta mais os assaltos e arrombamentos das casas”, enfatizou Firmino.

Ele destacou ainda que a presença do módulo e de policiais no morro é fundamental para que sejam evitadas

agressões e brigas muito comuns no local. “Briga em porta de bar e de marido e mulher é o que não falta por aqui. E a presença do policiamento, serviria para evitar esses casos ou resolvê-los quando eles acontecessem”. Outro aspecto apontado por Jorge Henrique é que, até mesmo para os homens, é perigoso percorrer as escadarias e becos existentes no morro, após às 22 horas.

Iluminação existe, mas a gente é sempre surpreendido por algum assaltante que fica nos matos e terrenos baldios. Se houvesse policiamento, esse pessoal não viria para cá”, afirmou o morador, acrescentando que ninguém no local sabe exatamente de onde vêm os ladrões, assaltantes e marginais: “De uma coisa a maioria das pessoas que moram aqui têm certeza: esses assaltantes não são daqui, pois, se fossem, no outro dia a gente reconheceria. Se a polícia estivesse por aqui, pois, essas pessoas certamente não viriam se refugiar aqui em cima e assaltar trabalhadores ou roubar casas de gente pobre”.



GAZETA NOS BAIRROS

Secretários da PMV prometem providências

Acompanhando as equipes de reportagem do projeto Gazeta nos Bairros, o secretário de Serviços Urbanos, Ornóbio Camata e o diretor do Departamento de Obras da PMV, Sebastião Folador Mendes, subiram o morro do Forte São João junto com os moradores para conhecer in loco os problemas do local. O encontro entre Folador, Camata e a comunidade resultou numa série de anotações feitas pelas autoridades, que prometeram tomar as devidas providências no início desta semana.

Sebastião Folador fez questão de anotar nomes por nome dos moradores que estavam fazendo as reivindicações e os locais apontados. “Aqui fica difícil a gente assinalar o lugar onde existe o problema”, argumentou Folador, acrescentando que nesta semana vai determinar que seja feito um levantamento na região acompanhado de projetos e, de acordo com as prioridades, os atendimentos serão efetuados.

Luiz Carlos Guimarães, engenheiro da PMV, encarregado da terceira região, a que pertence o bairro do

Forte São João, é a pessoa indicada para que os moradores procurem na Prefeitura para falar a respeito dos problemas e reivindicações do lugar. Durante todo o tempo em que estiveram no morro, tanto Ornóbio quanto Folador mostraram-se atenciosos com a comunidade e prometeram resolver seus problemas. Eles receberam diversos tipos de pedidos: madeira para construção de barracos, proteção para pedras que estão ameaçando rolar, conserto de um poste que está caindo, derrubada de uma árvore e até para arranjar empregos na PMV. “Nem tudo nós podemos fazer”, disseram eles.

Os moradores do Forte São João, depois da tragédia do Tabuazeiro, estão mais apavorados. Contudo, o diretor de obras da PMV argumentou que as obras de tratamento de encostas demandam grande montante de recursos, de que a Prefeitura não dispõe no momento. “Já encaminhamos dois relatórios para o Ministério do Interior — um antes das chuvas e outro recentemente — falando desta situação e solicitando recursos para as obras”, disse Folador.

Barreira pode cair e família corre riscos



As condições de acesso ao alto do morro são precárias e prejudicam quase toda a comunidade



As condições de acesso ao alto do morro são precárias e prejudicam quase toda a comunidade

Problemas crescem no alto do morro

Dizer onde começa e termina o bairro Forte São João é um pouco difícil. Ele começa na avenida Beira Mar próximo ao clube de Regatas Saldanha da Gama e se espalha pelos três morros que ficam à direita da avenida Vitória, no sentido Jucutuquara-centro da cidade. Sua população está toda concentrada no morro, onde vivem cerca de cinco mil pessoas. Os problemas dos morros do Forte, do Cruzeiro e dos Três Marias são semelhantes em cada metro quadrado.

Carmosina Silveira Assunção, de 82 anos, mora há 40 anos no lado esquerdo do morro, onde foi construída a rua Sebastião Torino. A Prefeitura, ao abrir esta rua, destruiu a escadaria que servia de acesso à sua casa e a de outras famílias no local, tornando um grande sacrifício se alcançar o local, sendo necessário muitas vezes se escorar com as mãos no chão para chegar lá. Ela disse que na época conversou com o engenheiro responsável pela obra, que prometeu tomar providências para estabelecer a entrada de sua casa. E até hoje nada foi feito. Sebastião Folador anotou sua reivindicação e disse que vai tentar uma solução.

Numa outra parte do morro, Benedita Pereira Santos reclama que os problemas enfrentados pelos moradores do lugar são semelhantes àqueles que vivem na parte central do morro do Forte. Apesar de possuírem água, luz e rede de esgotos, eles padecem com a falta de proteção nas encostas e, nas últimas chuvas, muitas barreiras deslizaram, colocando em risco a vida dos moradores. "A gente mora no alto do morro. Tudo é difícil para nós. É preciso que nos dêem mais atenção", disse a mulher.

Bem no alto do morro funciona o Centro Comunitário que está sob a presidência de Januário Lemos Batista, onde todos os problemas são analisados e se parte para as reivindicações. São eles que promovem algumas festas sociais com Dia das Crianças, dos pais, Natal e atendem a comunidade com a

distribuição de leite para as crianças, nutrizas e mulheres em estado de gestação.

Januário Lemos Batista fez algumas críticas à ação das autoridades, dizendo que eles lutam muito naquele lugar e têm recebido pouca atenção por parte da PMV. "Na época de política eles aparecem aqui, nos fazem promessas e depois não voltam

mais", disse o presidente do Centro Comunitário. Apesar dos problemas durante os preparativos do carnaval a comunidade esquece as suas tristezas e vai para a Escola de Samba Imperatriz do Forte sambar, à noite. Atualmente eles estão preocupados com o desfile que vão apresentar este ano na avenida, segundo Ana Lúcia Souza.



Carmosina exige que a escadaria seja recuperada pela prefeitura

Não existe qualquer área para atividades de lazer

Apesar de somar mais de dez mil moradores, o Forte de São João não dispõe sequer de uma área de lazer para a comunidade. Não existem praças de esportes ou qualquer outro local para a prática do lazer. De acordo com o presidente do Centro Comunitário, Januário Batista, quem quiser praticar algum tipo de esporte, tem que recorrer ao Colégio Estadual ou ao Salesiano. "Aqui nós não temos nada".

E a única maneira de improvisar o lazer fica por conta das crianças e dos jovens, que passam o dia empinando pipas ou batendo bola, nos poucos espaços que ainda não foram ocupados. Fora disto não há nada, a não ser um

pequeno campo de futebol no alto do morro, onde os adultos jogam suas peladas nos finais de tarde e fins de semana.

Nem mesmo os ensaios da escola de samba Imperatriz do Forte são feitos no morro, exatamente por falta de espaço apropriado. Os ensaios são feitos próximo à Escola de Música. Para os moradores, o ideal seria a prefeitura ou outro órgão competente, aproveitar alguma das áreas que ainda não foram ocupadas e servem de depósito de lixo e construir uma quadra. Se isto não for possível, em decorrência do terreno acidentado, que se faça um galpão onde possam ser praticadas outras atividades de lazer.

que a presença de refúgio móvel e de policiais no morro é fundamental, para que sejam evitadas

marães, engenheiro da PMV, encarregado da terceira região, a que pertence o bairro do disse Folador.

Barreira pode cair e família corre riscos



Ornóbio garante ter ordenado a coleta diária

Todo o lixo é jogado nos terrenos baldios

Dêvido às características do local e o difícil acesso dos caminhões de recolhimento, boa parte do lixo do morro do Forte de São João acaba sendo despejada, pelos próprios moradores, em áreas não ocupadas. Em vários pontos do morro são notados lixões, onde os detritos domésticos são despejados, trazendo com isto mau cheiro, ratos, moscas e outros insetos, além de riscos para a saúde, principalmente das crianças.

O secretário de Serviços Urbanos, Ornóbio Camata, ouviu dos moradores muitas reclamações nesse sentido, mas afirmou que tem determinado ao serviço de limpeza pública da Prefeitura de Vitória que faça o recolhimento diário do lixo no morro do Forte de São João. Mas, segundo os moradores, a Prefeitura nunca deu uma solução final para o problema e que o recolhimento precário os obriga a despejar o lixo nos terrenos baldios, onde também é bastante notada a presença de mato.

Uma preocupação desses moradores é na época de chuvas. Eles temem que a violência das águas que descem pelas encostas do morro arraste uma dessas montanhas de lixo, jogando-o sobre alguma casa. De acordo com Jorge Henrique Firmino, do Centro Comunitário, durante as últimas chuvas esta preocupação aumentou

bastante, já que havia muito lixo acumulado nesses terrenos. "Felizmente isto não aconteceu, e agora esperamos que a Prefeitura de Vitória tome uma providência para acabar de vez com este problema, que há vários anos atinge aos moradores daqui do Forte". Ele revelou ainda que as crianças que brincam pelos terrenos baldios correm risco de contrair doenças, além de sofrerem cortes e ferimentos mais graves em latas e cacos de vidro que ficam espalhados pelo meio do lixo e dos matos existentes no local.

Já Ornóbio Camata, depois de ouvir as reclamações, explicou que o serviço de limpeza urbana tem a recomendação de fazer a coleta diária e depositar o que for recolhido em caixas coletoras, existentes no começo do morro, para ser recolhido pelos caminhões. "É evidente que não podemos subir com os caminhões no alto do morro. Mas por outro lado é evidente que os próprios moradores não colaboram, pois jogam o lixo nos terrenos baldios. Se o lixo for deixado nos horários corretos em frente às casas, as garis vão recolhê-lo. O que está faltando é cooperação mútua. Camata informou ainda aos moradores que irá determinar que todo o mato existente nos terrenos baldios seja roçado, dando assim um melhor aspecto ao morro.

Maria de Lourdes Santana vive no morro há muitos anos com seu marido e dez filhos, mas agora vive um drama. É que a sua casa fica sobre uma barreira e ameaça desabar. A Prefeitura iniciou a construção de um muro de contenção, mas as obras foram interrompidas pela melade, não oferecendo qualquer segurança para a sua família.

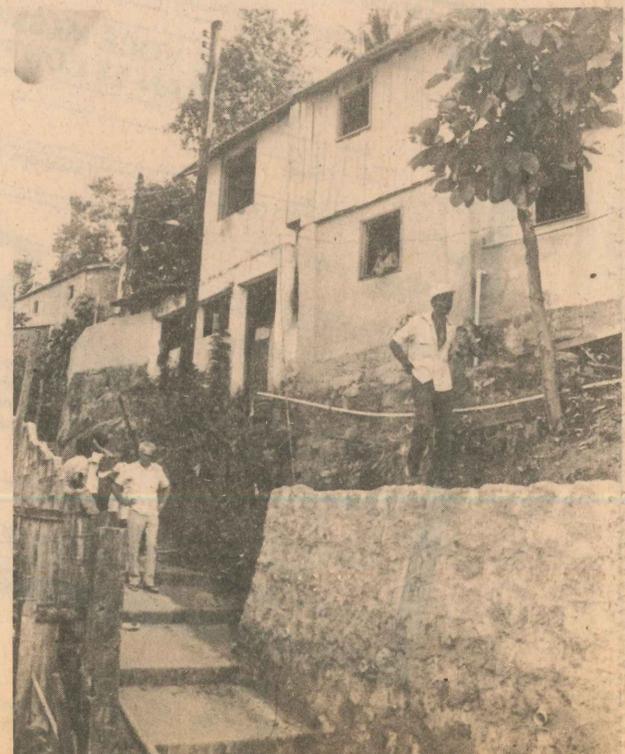
Em função dessa situação e das chuvas que caíram durante todo o mês de janeiro na cidade, Maria de Lourdes se viu obrigada a retirar todos os seus móveis e demais objetos e colocá-los no Centro Comunitário, onde se encontram até hoje. "Além disso, todos os meus filhos dormem no Centro Comunitário, pois não quero que nenhum deles morra em consequência de algum desabamento".

Segundo ela, o projeto do muro de contenção foi feito há dois anos, mas só recentemente começou a ser executado pela Prefeitura de Vitória. "Mas vieram as chuvas e o serviço foi interrompido e, nem mesmo com o final das chuvas, há mais de uma semana, os trabalhos foram reiniciados. Por isso, não trouxemos os

nosso móveis de volta para casa. Do jeito que está, não temos a menor segurança", frisou Maria de Lourdes, enquanto apontava para uma coluna de concreto da sua casa, que já apresenta sinais de rachaduras.

E o barranco só não desceu mais durante as chuvas, graças a um poste de iluminação pública que existe no local. "Vocês podem ver claramente que, se não fosse o poste, boa parte do barranco já teria descido. É ele que está segurando tudo, pois, do contrário, eu acho que nem casa eu teria mais para morar. O que eu quero é que a Prefeitura volte para continuar seu trabalho".

O diretor do Departamento de Obras da PMV, engenheiro Sebastião Folador Mendes, esteve no local e verificou a situação da casa de Maria de Lourdes e lhe assegurou que a empreiteira que iniciou as obras do muro de contenção do barranco vai prosseguir. "A senhora pode ficar tranquila que o serviço será concluído e a senhora, seus filhos e demais moradores poderão voltar para casa. Esta semana mesmo vamos determinar à empreiteira que termine o muro", afirmou Folador Mendes.



Nem todos têm proteção contra os deslizamentos

